

ANDRÉ CAMPOS E ROBERTO CASTRO

Nos arredores de uma aldeia Krahô, de madrugada, as moças gemem. Apesar de pouco falar sobre o assunto com civilizados e de nunca trocarem carícias publicamente, os índios encaram o sexo como um hobby a ser desfrutado diariamente ao luar.

"A gente transa direto", confirma, depois de muita insistência, Derlindo Runkóp, 25, que aprendeu a falar gírias escutando o velho radinho de pilha de seu pai.

Uma menina krahô tem relações pela primeira vez por volta dos 12 anos, quando seu corpo começa a se transformar. Um homem ou um grupo deles se apresenta e a coisa é feita a revelia da moça, num processo considerado normal.

Os homens que praticam o estupro — palavra forte para um acontecimento comum na tribo — atendem apenas a um impulso da libido.

A garota não tem escolha. Aceita na paz ou na marra. Se ela resistir muito, pior. "O pai da menina não briga por causa do ato sexual, mas para saber quem foi o gaiato e receber os presentes que lhe cabe. Tudo de acordo com a tradição", explica Ilton Coelho de Souza, chefe do posto da Funai da aldeia do Rio Vermelho.

Todo índio se torna um devedor potencial dos parentes de suas parceiras. "Os Krahôs são monogâmicos (casam-se apenas com uma mulher), porém sexualmente abertos", ensina o indigenista Júlio César Melatti, professor da UnB e especialista em cultura Krahô.

Mesmo em tempos de Aids, depois da primeira vez — até se casarem, uns quatro anos depois — as índias mantêm relações com diversos parceiros. Ninguém vê nisso indícios de promiscuidade.

A *biologia Krahô* admite a paternidade múltipla. Ou seja, pai é todo aquele que contribui para a formação do feto. Ao engravidar, as meninas solteiras podem optar em ter ou não o bebê, mas o método de aborto não podia ser mais terrível: "É feito através de porradas na barriga mesmo", diz Melatti.

Lá, como aqui, o casamento representa um momento muito especial. O ritual começa com a autorização dos pais da menina. Daí, combina-se a data da festa — organizada pelas duas famílias —, quando se oferece uma refeição a toda a comunidade.

O corpo da garota é coberto com penas de aves. Para a empenação utiliza-se a resina de almécega, substância retirada do tronco da aroeira. Quando estão prontos, noiva e noivo desfilam pela aldeia. Após uma bateria de conselhos dos índios mais velhos, o casamento termina.

União entre brancos e índios são proibidas. "Nós não deixa os kupe (brancos) casar com os merin (índios) porque o sangue kupe rende e muda o índio", avisa o cacique Tebiêti.

Tão longe, tão perto. Embora estejam logo ali, em Tocantins, os Krahôs vivem de uma maneira tão diferente que visitá-los é uma viagem. Não existe adolescência para esses índios: o jovem se torna adulto quando tem o primeiro filho. Sexo é liberado. Porém, o ritual de iniciação é violento. Numa situação quase de fome, eles mantêm suas tradições, mas querem tudo o que os Kupe (brancos) podem dar: de uma camiseta a um boi inteiro, preço que o X-Tudo teve que pagar para conhecê-los.



A bela Yopa, 14, é tão vaidosa quanto todas as outras garotas de sua idade. O sentimento feminino é sempre igual: não importa o lugar

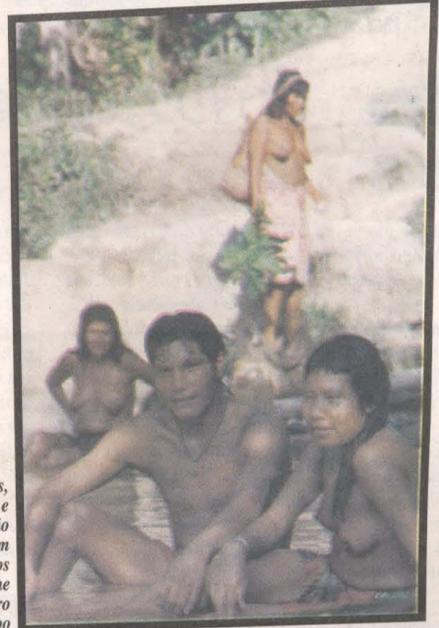
Um luau na praça central da aldeia (Ke). A tribo aproveita para colocar os assuntos em dia. Depois que os mais velhos vão dormir, as moças gemem



Desde crianças os índios usam o mesmo corte de cabelo, que não fica nem um pouco a dever aos modelos mais modernex das grandes cidades do país

KRAHÔS

ELES GOSTAM DE TRANSAR



Recém-casados, Salu, 20, e Vera, 17, não escondem o amor: ambos possuem o nome do companheiro tatuado no corpo

Programa de índio

Pescar, caçar de arco e flecha, nadar nos rios, cantar, correr de toras, confeccionar adereços e — principalmente — namorar. Esta é a lista dos verdadeiros programas de índio.

"Os jovens não são obrigados a fazer nada e nunca faltam festas para eles se divertirem", afirma Diniz Tebiêti, o cacique de 73 anos da aldeia do Rio Vermelho.

Isolados e felizes. Longe do alcance das ondas da MTV, dos embalos **hypers** de sábado à noite e dos desgastantes deveres da escola, os jovens Krahôs do Brasil Central vivem em sintonia com as forças naturais. Conservam assim sua única riqueza: a cultura dos antepassados.

Não existe adolescência entre os índios. O que marca a transição entre a liberdade plena da infância e a responsabilidade da vida adulta é o nascimento do primeiro filho.

Os Krahôs acreditam que os jovens de-vem, antes de tudo, gozar a vida. Cabem

aos mais velhos as preocupações políticas e a perpetuação dos mitos e histórias que formam a tradição oral da tribo.

Jovens fídio padrão, Salu Ihpyr, 20, lembra todos os dias por volta das duas da madrugada para "se reunir com os amigos no Ke (praça central da aldeia) e cantar até o sol nascer".

Casado há um mês, ele é professor do Centro de Trabalho Indigenista (CTI) e ganha R\$ 60,00 por mês. Após a cantoria, Salu vai ajudar os parentes na roça ou caça com a espingarda antiga de seu pai, Civalcante Txocã, um dos líderes do grupo.

De volta à aldeia, Salu participa da corrida de toras, importante fator de integração da nação krahô. Misto de esporte e manifestação simbólica, a atividade, praticada por ambos os sexos, lembra — aos olhos de um kupe — uma corrida de bastão. Diferença: um pedaço de tronco de buriti, às vezes com mais de 100 quilos, substitui o bastão.

Alcoolismo É PROBLEMA

Os 1.600 índios da reserva Krahô estão estabelecidos ao norte de Tocantins. Há quase dois séculos eles batalham para preservar sua cultura.

Originários do Maranhão, os Krahôs são um ramo dos Timbiras, que se incluem na família linguística Jê. Atualmente vivem num território de 3.200 quilômetros quadrados situado nos municípios de Goiatins e Itacajá, entre o rio Manoel Alves Pequeno e o Vermelho.

A reserva em Tocantins existe oficialmente desde 1944. São 11 aldeias: Rio Vermelho, Cachoeira, Pedra Branca, Manuel Alves, Pedra Furada, Santa Cruz, Forno Velho, Alagoí-nhas, Galheiros, Morro do Boi e Aldeia Nova. A situação dos índios é bastante precária. Eles só não passam fome porque as pequenas roças individuais e a caça tradicional garantem a subsistência das famílias. Não há luz elétrica, esgoto ou água encanada.

O alcoolismo constitui um problema grave. Mesmo com a venda proibida por lei, os índios não encontram maiores dificuldades para comprar cachaça entre os sertanejos.

■ Mais KRAHÔS na página 8.



Fotos: Roberto Castro

KRAHÔS

A aldeia do Rio Vermelho em dia de festa: depois do ritual do **Wêter**, uma corridinha **manera** de toras para relaxar. Mulheres e homens não fogem do pesado e carregam até 100 quilos nas costas. E ainda se divertem.

CURIOSIDADE

Antes do contato com os civilizados, os índios krahô só conheciam os números até três: 1 é Putite, 2 é Iriakru e 3 é Inkri.

ABC DOS KRAHÔS

- Dia — Puti
- Noite — Alkaputi
- Lua — Putirã
- Sol — Ākraó
- Casamento — Tguatxu
- Rio — Kovatxu
- Caça — Auiarrê
- Peixe — Tépe
- Lontra — Teré



Tépi X Teré

Os Krahô têm mania de se dividir em metades. Os *Wokmaîs* governam a tribo agora, na época de chuva, que é inverno para eles e verão para nós. Já os *cata-miês* lideram o grupo na seca.

“Também durante o rito do *Wêter* — no qual uma casa da aldeia se transforma num espaço público e os índios dançam e cantam celebrando os ancestrais — os Krahô se repartem em *peixe* e *lontra*”.

O esclarecimento é do estudante de antropologia da UnB Luiz Fernando Machado de Souza que orientou o **X-Tudo** na visita à aldeia do Rio Vermelho. Há quatro anos ele estuda “O papel dos vegetais na simbologia Krahô”.

Os índios mantêm várias crenças ligadas aos rituais da alimentação. A comida, por exemplo, não leva tempero algum (nem sal) e é servida numa panela grande, onde todos comem juntos — inclusive os cachorros — usando as mãos. A base é mandioca, milho, arroz e carne.

“Só as mulheres podem plantar o amendoim. Durante o período de plantio elas não comem caça ou frutos de buriti, não mexem nas panelas, não ralam mandioca, nem chegam perto de vapor

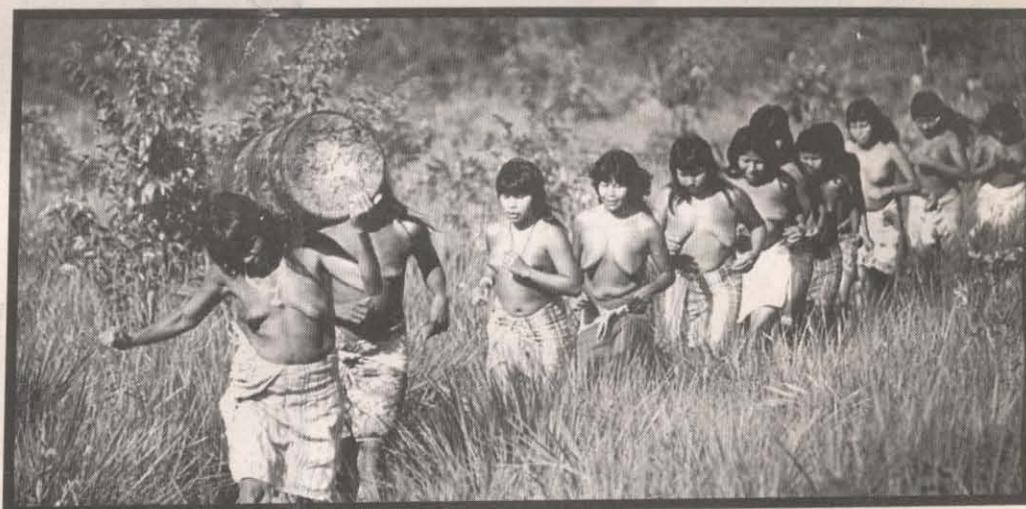
d’água. Os índios acreditam que se desobedecerem às regras, o amendoim não nasce”, revela Fernando.

Durante o plantio da melancia, gordura ou fígado de bicho ficam fora da dieta. “Senão, a fruta murcha”, diz o cacique, garantindo que nenhum Krahô ouse romper com esses costumes antigos.

Antigo também é o hábito de usar maconha. Aliás, fumar baseado ou tabaco é supercomum entre os Krahô. Eles alegam que é para espantar os irritantes mosquitos do lugar. Os antropólogos, no entanto, acham que eles aprenderam com os índios do Maranhão.

Os nativos pedem tudo o que vêm pela frente: chinelos, tênis, cobertas, redes, lanternas, gravadores, pilhas e roupas. Para permanecer na aldeia cinco dias, a equipe do **X-Tudo** teve que dar um boi para a festa do *Wêter*.

Os índios cumpriram sua parte: saíram para caçar, voltaram com os pedaços de carne espetados em varas de bambu, *derrubaram* a carne sobre o braseiro. No final, batizaram os repórteres. E requisitaram tudo o que havia nas mochilas.



Brinco: adereço masculino

Sol escaldante das duas da tarde. Camisas coladas em corpos suados. Tonteira. A forte correnteza do rio Vermelho rege o balanço da canoa durante a travessia. Já na outra margem, os krahô surgem aos poucos para observar as três figuras exaustas e suas enormes mochilas.

Simpáticos, os índios levam os visitantes a uma pequena casa de paredes de adobe e teto de piaçava, sem janelas. É a escola — e alojamento de visitantes, quando necessário —, mas cadê a chave?

Krac, filho do cacique Tebiête, não titubeia: com um pontapé certeiro, arromba a porta. A 1.500 km de casa, enfim, um lar.

Na paisagem dominada pelas árvores do cerrado, a aldeia redonda se destaca, a uns 50 metros.

No horizonte, dois morros pequenos, conhecidos entre os Krahô como *Peitos de Moça*. Índios armados de espigardas e facões se aproximam, sérios. Vão caçar antas, que alívio.

A seu modo, meninas e meninos Krahô são muito vaidosos. Tomam seguidos banhos e pintam o corpo, sempre bronzeado, várias vezes por mês. As sementes de urucum fornecem o vermelho. Já o jenipapo, o preto. Em dia de festa, parecem torcedores do Flamengo.

Só os homens usam brincos. O furo, feito com filetes de pau ponteagudos, é alargado por cilindros mais largos que, com o tempo, deformam a orelha. Algumas, mais sensíveis, chegam a rasgar.